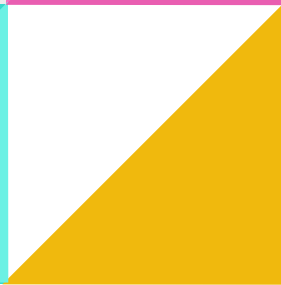


Manual do **Facilitador**

Práticas Educacionais e Análise
do Comportamento Aplicada (ABA)
na Inclusão Escolar de Crianças
com Autismo



Ficha Catalográfica
Preparada pela Faculdade Pernambucana de Saúde

N778m	Nogueira, Clara Sobreira Pereira Manual do facilitador: práticas educacionais e Análise do comportamento Aplicada (ABA) na inclusão Escolar de crianças com Autismo. / Clara Sobreira Pereira Nogueira; orientador Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa. – Recife: Do Autor, 2025. 53 f.: il. Color. Manual. ISBN: 978-65-6034-192-0 1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Manual Facilitador. 3. Análise do Comportamento Aplicada. 4. Educação Especial. 5. Capacitação de Professores. I. Barbosa, Leopoldo Nelson Fernandes. II. Título. CDU 37.014.1
-------	---

Profissionais responsáveis pela aplicação pioneira

Clara Sobreira Pereira Nogueira, CRP 02/15809

Psicóloga pela FAFIRE há mais de 13 anos. Neuropsicóloga pela FPS. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada ao TEA e DI pela FPS. Estudante do Mestrado em Psicologia da Saúde na FPS. Experiência como psicoterapeuta nas abordagens comportamentais e contextuais ao público infantil e adultos, especialmente e atualmente com pessoas neurodivergentes. Experiência como acompanhante terapêutico escolar, domiciliar e clínico em ABA. Experiência como coordenadora ABA. Atualmente na função Supervisora ABA há mais de 5 anos. Fundadora, CEO e Diretora Clínica da Be Live - Conhecimento Aprendizagem e sentido.

Rebeca Sobreira Pereira Nogueira, CRP 02/22766

Psicóloga desde 2019 pela UFPE e FAFIRE. Especialista em Análise do Comportamento Aplicada à TEA e DI Trajetória iniciada nos EUA em 2016 como acompanhante terapêutica. Experiência internacional (USA, Irlanda) e nacional (PE, RN) em atendimentos clínicos, intervenção parental, avaliação comportamental, e em Intervenção ABA (Análise do Comportamento Aplicada). Atuante com público infantojuvenil com transtornos do neurodesenvolvimento, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA). Fundadora e CEO da Equipe Rebeca Sobreira Católica, casada, autista, TDAH, AH/SD.

Leopoldo Nelson Fernandes Barbosa

Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba. Especialização em Psicologia Hospitalar pela Santa Casa de SP e Mestrado em Psicologia Clínica pela Universidade Católica de Pernambuco e Doutorado em Neuropsiquiatria e Ciências do Comportamento pela Universidade Federal de Pernambuco Pós-doutorado em ciências da Saúde pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Docente da graduação e da pós graduação da Faculdade Pernambucana de Saúde - FPS desde 2009. Coordenador do Mestrado Profissional em Psicologia da Saúde da FPS desde 2016. Psicólogo, supervisor do Núcleo de Saúde Mental do IMIP de 2010 a 2024. Pesquisa temas na área de psicologia da saúde, terapias cognitivas e neuropsicologia. Membro do Grupo de Trabalho Pesquisa básica e aplicada em uma perspectiva Cognitivo Comportamental da ANPEPP. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia da Saúde da FPS. Foi membro da diretoria da Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar (SBPH) nas gestões de 2007 até 2021 e da diretoria da Associação de Terapias Cognitivas de Pernambuco (ATC-PE) na Gestão de 2015-2018.



Este material é interativo. Clique sob um dos tópicos do índice para ser direcionado até a página que deseja. Para retornar ao índice, clique no título. Boa leitura!

Sumário

01	Apresentação	3
02	Fundamentos Teóricos e Metodológicos	4
03	Estrutura da Oficina (Modelo ADDIE)¹.....	8
	3.1. Análise	8
	3.2. Design.....	8
	3.3. Desenvolvimento	9
	3.4. Implementação	10
	3.5. Avaliação	11
04	Considerações	12
05	Recomendações Gerais aos Professores	13
	5.1. Adaptação Curricular e Acompanhamento do Aprendizado,...	13
	5.2. Adaptação de Avaliações e Tarefas.....	14
	5.3. Comunicação e Interação com os alunos.....	14
	5.4. Ambiente escolar e Organização física	15
	5.5. Estratégias para Otimizar o aprendizado.....	15
	5.6. Desenvolvimento Social e Interação com Colegas	17
06	Sugestões de Filmes, Séries e Documentários Inspiradores	18
	Referências	19

Apresentação

Este manual tem como objetivo orientar a condução da oficina “Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo”, oferecendo aos facilitadores um roteiro estruturado, fundamentado em bases teóricas e metodológicas sólidas. O manual constitui um produto técnico resultante da dissertação de mestrado em Psicologia da Saúde, desenvolvida na Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS). Sua elaboração foi embasada na experiência prática da oficina-piloto, conduzida pela mestrandia, psicóloga, neuropsicóloga e analista do comportamento, Clara Sobreira Pereira Nogueira, em parceria com a psicóloga e analista do comportamento, Rebeca Sobreira Pereira Nogueira. A oficina piloto foi realizada nas dependências da FPS, com a participação de professores da rede pública de ensino do município de Feira Nova-PE, atendendo a uma demanda encaminhada pela Prefeitura Municipal à FPS, com foco na capacitação de professores e mediadores pedagógicos para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Assim, este manual apresenta um roteiro passo a passo para a facilitação de oficina, direcionada a professores e mediadores pedagógicos, com o objetivo de capacitá-los e contribuir para o aprimoramento da inclusão de estudantes com TEA. Busca-se, dessa forma, fomentar a utilização de estratégias pedagógicas baseadas em evidências científicas, promovendo práticas mais qualificadas no contexto escolar.

Esse tipo de produto educativo é fundamental para favorecer a aquisição de conceitos, habilidades e atitudes que sustentem práticas pedagógicas inclusivas, éticas e cientificamente fundamentadas. O Manual do Facilitador – Oficina sobre Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo reúne conteúdos teóricos e práticos que apoiam a atuação de professores do Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, visando intervenções mais qualificadas, sensíveis às necessidades dos alunos e comprometidas com a dignidade humana.

O manual descreve estratégias aplicáveis e replicáveis no contexto escolar, tais como: uso de reforço positivo, ensino por tentativas discretas, ensino incidental, modelagem, encadeamento de tarefas, treino de habilidades de comunicação e utilização de suportes visuais. Cada técnica é apresentada de forma clara, acompanhada de exemplos contextualizados à rotina escolar, favorecendo a aplicação prática e eficaz pelos educadores. Além disso, são oferecidas orientações sobre adaptação curricular, organização do ambiente escolar, estratégias de interação social e práticas pedagógicas diferenciadas, que respeitam as características individuais dos estudantes com TEA.

Destaca-se que todas as estratégias são apresentadas sob a perspectiva da ética e da compaixão, princípios fundamentais para uma aplicação responsável da Análise do Comportamento Aplicada (ABA). A intervenção escolar deve ser construída a partir da compreensão funcional dos comportamentos, valorizando as potencialidades da criança, respeitando seus limites e promovendo sua autonomia. Assim, reforça-se o compromisso com uma educação inclusiva, humanizada e alinhada aos direitos das pessoas com deficiência.

O manual também propõe reflexões sobre o cuidado emocional dos estudantes com autismo, ressaltando a importância do desenvolvimento da tolerância à frustração, da promoção de interações sociais respeitosas e do estímulo à autoestima. Tais aspectos são essenciais para o bem-estar da criança e para o fortalecimento de vínculos afetivos no ambiente escolar. Por fim, o manual recomenda uma seleção de filmes e documentários que visam ampliar a empatia e a compreensão dos educadores acerca da neurodiversidade.

CAPÍTULO 2

Fundamentos Teóricos e Metodológicos

A oficina proposta fundamenta-se nos princípios da **Análise do Comportamento Aplicada (ABA)**, aliando evidências científicas às demandas práticas da sala de aula inclusiva. Sua estrutura segue o modelo instrucional ADDIE (Análise, Design, Desenvolvimento, Implementação e Avaliação), que assegura coerência, aplicabilidade e efetividade na formação dos professores participantes.¹



Fundamentos Teóricos e Metodológicos

A educação, pilar essencial para o desenvolvimento social, enfrenta desafios significativos, especialmente na rede pública de ensino, onde professores lidam com a diversidade de necessidades dos alunos, dificuldades pedagógicas, ausência de recursos e carência de capacitação contínua. Pesquisas destacam que os principais obstáculos incluem problemas comportamentais, dificuldades na participação familiar e desafios na adaptação à rotina escolar. Além disso, a motivação dos docentes e o trabalho colaborativo entre pares são fatores que impactam diretamente a qualidade do ensino. A formação contínua e a atuação ativa do educador são, portanto, indispensáveis para promover práticas pedagógicas inclusivas e efetivas, especialmente na educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA).²⁻⁵

O TEA é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios na comunicação, interação social e padrões comportamentais restritos ou repetitivos.⁶⁻⁷ Dados recentes indicam um crescimento significativo na sua prevalência nos Estados Unidos e pela primeira vez no Brasil temos os dados da prevalência da população autista, reforçando a necessidade de preparar educadores para lidar com essa realidade.⁸⁻⁹

Atualmente, no Brasil, foram contabilizadas aproximadamente 2,4 milhões de pessoas diagnosticadas com TEA, o que corresponde a 1,2% da população, ou seja, cerca de 1 a cada 83 brasileiros. A prevalência foi mais elevada entre os mais jovens: 2,1% entre 0 e 4 anos, 2,6% entre 5 e 9 anos, 1,9% entre 10 e 14 anos e 1,3% entre 15 e 19 anos, totalizando aproximadamente 1,1 milhão de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos com diagnóstico. Na faixa de 5 a 9 anos, destaca-se que 1 a cada 38 crianças apresenta diagnóstico de TEA. Entre os meninos dessa faixa etária, a prevalência chega a 3,8% — aproximadamente 1 a cada 26 meninos —, enquanto entre as meninas é de 1,3%, equivalente a 1 a cada 77 meninas.¹⁰

Na análise regional, o estado de Pernambuco apresentou uma prevalência de 1,2%, ou aproximadamente 1 a cada 83 pessoas diagnosticadas com TEA, mantendo-se alinhado à média nacional. Em Recife, capital do estado, o percentual foi mais elevado, chegando a 1,4%, o que corresponde a aproximadamente 1 a cada 71 pessoas com diagnóstico. Esses dados reforçam a importância do fortalecimento das políticas públicas locais, com foco em diagnóstico precoce, intervenções especializadas e a ampliação do acesso aos serviços de saúde e educação, essenciais para o suporte ao desenvolvimento dessas pessoas.¹⁰

Fundamentos Teóricos e Metodológicos

No contexto educacional, foram identificados cerca de 760,8 mil estudantes com 6 anos ou mais diagnosticados com TEA, representando 1,7% do total de estudantes brasileiros. Isso significa que, aproximadamente, 1 a cada 59 estudantes tem diagnóstico de TEA, sendo a maior concentração na educação básica, particularmente entre crianças de 6 a 14 anos. A análise também revelou desigualdades de gênero: entre os estudantes com TEA dessa faixa etária, os meninos apresentaram uma participação 1,3 vez maior do que as meninas. Já entre adultos com 25 anos ou mais, observou-se uma maior proporção de mulheres com TEA, sugerindo um movimento de retomada educacional por meio da Educação de Jovens e Adultos ou do Ensino Superior. A taxa de escolarização da população com autismo (36,9%) foi superior à observada na população geral (24,3%), isso se dá pela maior concentração da população com autismo nas idades mais jovens, principalmente entre as idades de 5 a 14 anos, que possuem altas taxas de escolarização e concentram mais da metade da população de estudantes com autismo.¹⁰⁻¹²

A perspectiva da neurodiversidade emerge, nesse contexto, como um paradigma fundamental, propondo uma visão que valoriza as singularidades e potencialidades das pessoas autistas, em contraponto ao modelo biomédico centrado no déficit. Assim, torna-se imprescindível adotar uma postura empática, que reconheça e respeite as identidades autistas, promovendo ambientes escolares acolhedores e adaptados.¹³

A ABA desponta como uma das principais contribuições para esse processo, sendo reconhecida internacionalmente pela sua eficácia no desenvolvimento de habilidades comunicativas, sociais e acadêmicas de pessoas com autismo. Por meio de procedimentos como reforço positivo, análise funcional do comportamento, ensino por tentativas discretas, modelagem e encadeamento de tarefas, a ABA oferece ferramentas teóricas e práticas que fortalecem a atuação dos professores na promoção de uma educação inclusiva e baseada em evidências.¹⁴⁻¹⁶

Embora tradicionalmente mais visível no contexto clínico, a ABA tem se consolidado também como uma abordagem promissora no campo educacional, especialmente na formação docente e na inclusão escolar de alunos com TEA e outras necessidades educacionais específicas. Sua aplicação permite intervenções pedagógicas mais eficazes, que respeitam a individualidade dos estudantes e favorecem sua autonomia e participação social.¹⁴⁻¹⁶

Fundamentos Teóricos e Metodológicos

A proposta da oficina ancora-se nos fundamentos do Behaviorismo Radical, de B.F. Skinner, que compreende o comportamento como produto da interação entre indivíduo e ambiente, determinado por três níveis de seleção: filogenético, ontogenético e cultural. Aplicando esses princípios ao contexto educacional, a oficina busca instrumentalizar os professores com estratégias baseadas na análise de contingências, no reforçamento positivo e na estruturação de ambientes de aprendizagem mais acessíveis e inclusivos.¹⁴⁻¹⁵

Além do aspecto técnico, a oficina valoriza o protagonismo docente, estimulando soluções criativas e colaborativas para os desafios da inclusão escolar. O formato participativo favorece a construção de redes de apoio entre educadores, potencializando o compartilhamento de estratégias e o fortalecimento do trabalho coletivo.

Assim, ao investir na formação dos professores, não apenas se amplia o conhecimento técnico, mas também se fortalece a capacidade de implementar mudanças significativas nas práticas pedagógicas, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo, ético e comprometido com o desenvolvimento pleno das crianças com TEA.

CAPÍTULO 3

Estrutura da Oficina (Modelo ADDIE)

3.1 Análise

Deve ser realizado o levantamento das necessidades dos educadores de uma escola ou centro de ensino da educação básica.

3.1 Design

A oficina deve ser realizada com carga horária de 4 horas consecutivas, podendo incluir um breve intervalo. O local deve ser composto por cadeiras com apoio para escrever e espaço adequado para atividades de dramatização. Além disso, é necessário dispor de equipamento de projeção multimídia, como projetor e tela, para exibição de slides. Os métodos utilizados incluem: exposição dialogada, dinâmicas em grupo, análise de casos, dramatização e role play. Para tanto, devem ser utilizados recursos como slides, passador de slides portátil, diversos exemplos de economias de fichas, rotina visual, timer, exemplos de história social, exemplos de card de modulação de tom de voz, exemplo de card para sinalização de “Minha vez” – “Sua vez” e quadro branco, favorecendo a participação ativa e a aprendizagem significativa dos participantes.”

Estrutura modular:

- Apresentação e relatos de caso (20 min)
- Introdução ao TEA (30 min)
- Fundamentos da ABA (60 min)
- Estratégias práticas (90 min)
- Avaliação e encerramento (20 min)

A distribuição proposta totaliza 3 horas e 40 minutos, permitindo, portanto, um intervalo de 10 minutos, além de tempo para transições suaves entre as atividades.

Estrutura da Oficina (Modelo ADDIE)

3.3 Desenvolvimento

Nesta fase, conforme preconiza o modelo ADDIE, devem ser elaborados todos os materiais didáticos necessários para a condução eficiente e padronizada da oficina, garantindo sua aplicabilidade e replicação em diferentes contextos. Os conteúdos planejados precisam ser organizados de forma concreta e sistematizada, com foco na clareza, acessibilidade e aplicabilidade prática pelos facilitadores. Os materiais didáticos preparados devem ser:



Slides de apoio: contendo os principais conceitos, fundamentos da ABA e exemplos ilustrativos para facilitar a exposição dialogada e o engajamento dos participantes.



Fichas de relato de caso: elaboradas para promover a análise prática e o desenvolvimento das habilidades de identificação de antecedentes, comportamentos e consequências, conforme os princípios da Análise do Comportamento Aplicada.



Checklist de materiais: lista detalhada dos recursos necessários para a apresentação e realização das atividades, incluindo modelos e exemplos que podem ser utilizados como referência durante a condução da oficina.

Todos esses materiais encontram-se organizados e apresentados nos apêndices deste manual, com o objetivo de apoiar futuros facilitadores na replicação da oficina, assegurando qualidade, padronização e adequação às necessidades formativas dos professores participantes.

A elaboração desses recursos seguiu o princípio da aplicabilidade, promovendo uma transferência efetiva do conhecimento teórico para a prática pedagógica e potencializando o impacto da formação na promoção de práticas educacionais inclusivas e baseadas em evidências.

Estrutura da Oficina (Modelo ADDIE)

3.4 Implementação

A fase de Implementação, corresponde à realização efetiva da oficina com os professores participantes. Para garantir a padronização e a qualidade do processo formativo, um roteiro detalhado das atividades está incluído no Apêndice A deste manual.

Esse roteiro contempla todas as etapas da oficina, organizadas de forma sequencial e estruturada:

1. Acolhimento dos participantes e alinhamento de expectativas;

2. Apresentação do conteúdo e dos objetivos da oficina;

3. Análise de caso, promovendo a aplicação prática dos fundamentos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA);

4. Prática de estratégias de ABA, com dinâmicas e simulações de sala de aula;

5. Avaliação final, estimulando a reflexão crítica, o compromisso com a aplicação prática e a coleta de feedbacks.

O tempo estimado para cada etapa, assim como os materiais necessários, estão especificados de maneira clara e objetiva no Apêndice A, facilitando o planejamento e a condução da oficina por futuros facilitadores.

A implementação foi concebida para ser flexível e adaptável a diferentes contextos escolares e formativos, respeitando as características do público-alvo e as condições locais, sempre mantendo o compromisso com a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e baseadas em evidências.

Estrutura da Oficina (Modelo ADDIE)

3.5 Avaliação

A fase de Avaliação, conforme o modelo ADDIE, tem como objetivo verificar a eficácia da oficina na promoção de conhecimentos, habilidades e atitudes voltadas à inclusão escolar de crianças com TEA, bem como ao uso de práticas fundamentadas na Análise do Comportamento Aplicada (ABA). Mais do que mensurar resultados, a avaliação busca estimular a reflexão crítica e o comprometimento prático dos participantes, garantindo que os aprendizados adquiridos se traduzam em mudanças concretas na atuação pedagógica.

Podem ser utilizados diferentes instrumentos avaliativos. O Formulário de Avaliação, disponível no Apêndice F, contém questões abertas que permitem ao participante expressar percepções sobre a oficina, apontar aprendizados e sugerir melhorias. A roda de conversa final se configura como um momento coletivo e dialógico, em que os participantes compartilham aprendizagens, desafios percebidos e próximos passos a serem trilhados.

Além disso, a dinâmica vivencial pós-oficina propõe aos participantes um contato simbólico com ações comprometidas reais. Nesse momento, cada participante será convidado a escrever, em uma bola de sopro, uma ação concreta que pretende implementar em sua prática pedagógica, além de registrar algo essencial que não pode esquecer sobre as necessidades de seus alunos, a partir das discussões realizadas e da reflexão proposta. Essa dinâmica busca favorecer a transferência efetiva do conhecimento para o contexto real de atuação, alinhando a prática técnica à prática compassiva, sensível às singularidades dos estudantes com TEA.

Quando a oficina for realizada internamente, por um profissional da própria escola, os indicativos propostos de avaliação podem incluir melhorias observáveis na prática pedagógica, aplicação de estratégias baseadas na ciência da ABA e evolução na percepção de autoconfiança docente, manifestada por meio de expressões de segurança, motivação e autonomia para atuar com crianças com TEA no ambiente escolar.

Essa avaliação, de caráter qualitativo e formativo, visa não apenas aferir a efetividade da oficina, mas também fomentar o desenvolvimento contínuo dos docentes, em consonância com os princípios de uma educação inclusiva, responsiva e pautada em evidências científicas.

CAPÍTULO 4

Considerações

Este manual foi concebido como um instrumento de apoio e orientação para a condução da oficina “Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo”, buscando oferecer subsídios teóricos e práticos que fortaleçam a atuação de professores regentes e da educação especial na promoção de uma educação mais inclusiva, sensível e baseada em evidências.

Acredita-se que, ao proporcionar um roteiro claro, materiais estruturados e estratégias aplicáveis, este material contribua não apenas para a replicação qualificada da oficina, mas também para o fortalecimento do compromisso ético e pedagógico com a inclusão escolar de crianças com TEA.

Mais do que um protocolo, este manual propõe-se como um convite à reflexão contínua sobre o papel do educador, valorizando práticas que considerem as singularidades dos estudantes e promovam ambientes escolares responsivos e acolhedores.

Deseja-se que cada facilitador, ao utilizá-lo, possa adaptá-lo de maneira sensível às especificidades de seus contextos, ampliando seu alcance e potencial transformador. Que este seja um recurso vivo, que inspire ações formativas, dialogue com as necessidades reais das escolas e contribua para a construção de trajetórias educativas mais justas, inclusivas e respeitosas.

Com afeto e compromisso com a neurodiversidade e inclusão,

Clara Sobreira Pereira Nogueira
Psicóloga e Analista do Comportamento
CRP 02/15809

CAPÍTULO 5

Recomendações Gerais aos Professores

5.1 Adaptação Curricular e Acompanhamento do Aprendizado

- Realizar adaptação curricular sempre que necessário e de forma individualizada, garantindo o acompanhamento contínuo dos alunos e desenvolvendo um plano de atividades que evite atrasos em seu aprendizado.
- Certificar-se de atribuir tarefas compatíveis com as habilidades dos alunos, prevenindo acúmulo de dificuldades acadêmicas.
- Adaptar atividades e explicações para ajudá-los a evoluir em suas dificuldades.
- Utilizar ensino direto, aprendizagem programada ou materiais estruturados.
- Tornar o ensino interessante, sendo mais animado, teatral e dramático ao ensinar.
- Usar ensino participativo, dando aos alunos algo para fazer enquanto ensina.
- Permitir que a criança solicite, peça ou pegue o que deseja, sem facilitar excessivamente.
- Ensinar a criança a pedir ajuda de um colega quando precisar de algo.
- Fazer a criança preestabelecer objetivos de trabalho (exemplo: "Quantos problemas você pode fazer para mim?").

Recomendações Gerais aos Professores

5.2 Adaptação de Avaliações e Tarefas

- Conceder tempo adicional para a realização de provas, oferecendo de 20 a 40 minutos extras, além de adaptar as atividades para formatos mais curtos e objetivos.
- Destacar com marcador de texto as palavras ou instruções mais importantes e mais diretas no texto e no enunciado de questões.
- Diminuir a quantidade de tarefas solicitadas em classe e para casa.
- Solicitar ao aluno que anote as instruções verbais das atividades, fracionando atividades de longo prazo em partes menores, com prazos mais curtos e próximos.
- Em caso de crianças com habilidades específicas ou interesses específicos, oferecer aprofundamento de conhecimento nas áreas de interesse, mas também em outras áreas para que não desenvolva rigidez cognitiva.

5.3 Ambiente escolar e organização física

- Reduzir estímulos distratores no ambiente escolar, posicionando o aluno próximo ao(à) professor(a) para favorecer a concentração.
- Fornecer instruções importantes de forma direta e próxima ao aluno, evitando locais com excesso de estímulos visuais e sonoros, como janelas e portas.
- Posicionar o aluno perto de colegas com comportamentos positivos, minimizando distrações causadas por interações com estudantes que apresentam dificuldades de comportamento.

Recomendações Gerais aos Professores

5.4 Comunicação e Interação com os alunos

- Dizer “olhe para mim” ou buscar o olhar ou o direcionamento à criança. Mas não exigir continuidade desse olhar o tempo todo. Já sabemos o grau de incômodo que o contato visual causa nas pessoas com autismo.
- Não falar de costas, mantendo sempre o contato facial para favorecer a atenção e compreensão.
- Fornecer a instrução apenas uma vez.
- Dar um comando por vez.
- Usar enunciados curtos, claros e objetivos.
- Evitar estímulos ou gestos que possam gerar interpretações ambíguas (por exemplo, ao falar “apague a luz” e apontar o interruptor).

5.5. Estratégias para Otimizar o Aprendizado

- Ensinar individualmente ou em pequenos grupos, sempre que possível.
- Evitar solicitar que o aluno leia em voz alta diante de um grande número de colegas, reduzindo a exposição e possíveis desconfortos. Mas se perceber que ele gosta, pode solicitar.
- Caso seja necessário corrigir ou chamar a atenção do aluno, fazer isso individualmente e em tom baixo.
- Focar no conteúdo das respostas do aluno, em vez da forma de apresentação, valorizando expressões orais quando necessário.

Recomendações Gerais aos Professores

- Incentivar a repetição intensiva de conteúdos recentemente aprendidos, proporcionando múltiplas oportunidades de prática e reforçando positivamente o esforço do aluno.
- Evitar a correção excessiva de erros, priorizando o reconhecimento e a valorização das respostas corretas para fortalecer a autoestima e a motivação do aluno.
- Repetir várias vezes o conteúdo para garantir atenção e memorização do aluno
- Permitir intervalo entre as tarefas;
- Dar opção de movimentar-se fora da cadeira;
- Usar dicas não-verbais para permanecer na tarefa;
- Permitir o uso de um cronômetro para sinalizar o tempo de completar as tarefas;
- Ensinar como gerenciar o tempo/ habilidade de estudar;

Recomendações Gerais aos Professores

5.6. Desenvolvimento Social e Interação com Colegas

- Incentivar a socialização com os colegas.
- Trabalhar iniciação social com perguntas simples (exemplo: "O que devemos dizer quando queremos conversar com alguém?").
- Estimular pequenos diálogos entre as crianças, inicialmente em duplas, modelando as respostas quando necessário.
- Ensinar a esperar a resposta do colega e a respeitar um "não".
- Oferecer atividades estruturadas onde a interação seja necessária.
- Contar histórias curtas com imagens que mostrem como se comportar em situações sociais.
- Usar imagens para mostrar a sequência das atividades sociais (exemplo: tarefa → guardar materiais → lanche).
- Estimular outras crianças a iniciarem uma interação com a aluna e orientá-las a esperar a resposta.
- Modelar frases como "Que lindo seu desenho!" e incentivar a aluna a elogiar colegas.
- Valorizar as potencialidades da criança e elogiar suas conquistas para elevar sua autoestima.

CAPÍTULO 6

Sugestões de Filmes, Séries e Documentários Inspiradores



**Como Estrelas
na Terra**



Extraordinário



**Uma Advogada
Extraordinária**



Life, Animated



Deixe-me Voar



**Meu Nome É
Rádio**



**Além da Sala
de Aula**



This Is Us

Referências

Barreiro RMC. Um breve panorama sobre o design instrucional [Internet]. EaD em Foco. 2016 ago 26;6(2). Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/375> [acessado em 19 abr. 2025].

Coutinho MC, Tessaro M. Percepção de professores acerca do processo de inclusão de alunos neurodivergentes [Internet]. Rev Pedagógica. 2024 nov 29;26(1):e7871. Disponível em: <https://pegasus.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/7871> [acessado em 23 mar. 2025].

Abdullah, Musdiani, Putra M, Sari SM. Competência pedagógica, grupos de trabalho de professores e motivação: sua influência no desempenho do ensino em escolas estaduais de ensino fundamental [Internet]. Jurnal Komdik. 2024 jan 31;8(1):60–74. Disponível em: <https://journal.univetbantara.ac.id/index.php/komdik/article/view/5506> [acessado em 23 mar. 2025].

Rodrigues D. Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva. São Paulo: Summus; 2005.

Aranha MSF. Educação inclusiva: do que estamos falando? In: Mantoan MTE, organizadora. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna; 2005.

Braga-Kenyon P, Kenyon SE, Miguel CF. Análise comportamental aplicada (ABA): um modelo para a educação especial. In: Camargos Jr W, editor. Transtornos invasivos do desenvolvimento: 3º milênio [Internet]. 2. ed. Brasília: CORDE; 2005. p. 148–54. Disponível em: <https://www.academia.edu/15146232> [acessado em 7 abr. 2023].

Council of Autism Service Providers (CASP). Applied behavior analysis practice guidelines for the treatment of autism spectrum disorder [Internet]. 3rd ed. Lexington: CASP; 2024. Disponível em: <https://www.casproviders.org/asd-guidelines/> [acessado em 22 out. 2023].

Shaw KA, Williams S, Patrick ME, et al. Prevalence and early identification of autism spectrum disorder among children aged 4 and 8 years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 16 sites, United States, 2022. MMWR Surveill Summ. 2025;74(SS-2):1–22. doi:10.15585/mmwr.ss7402a1

Hume K, Steinbrenner RJ, Odom SL, Morin KL, Nowell SW, Tomaszewski B, et al. Evidence-based practices for children, youth, and young adults with autism: third generation review [Internet]. J Autism Dev Disord. 2021 jan;51:4013–32. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s10803-020-04844-2> [acessado em 7 abr. 2023].

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Censo Demográfico 2022: pessoas com deficiência e pessoas diagnosticadas com transtorno do espectro autista: resultados preliminares da amostra [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2025. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102178.pdf> [acessado em 25 mai 2025].

Brasil. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Censo Escolar da Educação Básica 2024: notas estatísticas. Brasília (DF): Inep; 2025. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2024.pdf [acessado em 23 mar. 2025]

Referências

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). População estimada para os municípios e para as unidades da federação brasileiros em 01.07.2024 [Internet]. Rio de Janeiro: IBGE; 2024. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br> [acessado em 18 abr. 2025].

Ortega F. Deficiência, autismo e neurodiversidade. *Cienc Saude Colet*. 2009;14:67–77. doi:10.1590/S1413-81232009000100012

Cooper JO, Heron TE, Heward WL. *Applied behavior analysis*. 3rd ed. London: Pearson; 2020.

Ribeiro MJFX, Carmo JS. Apresentação. In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. *Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional*. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 7-12.

Rodrigues ME. Behaviorismo Radical, Análise do Comportamento e Educação: o que precisa ser conhecido? In: Carmo JS, Ribeiro MJFX, organizadores. *Contribuições da Análise do Comportamento à Prática Educacional*. Santo André: ESETec Editores Associados; 2012. pág. 37-72.

Apêndices

APÊNDICE A – ROTEIRO DETALHADO DA OFICINA

1) Apresentação - Tempo: 20 minutos

Os facilitadores devem se apresentar e falar sobre o tema da oficina proposta. Solicitar que os participantes observem a própria dinâmica do encontro, pois ela, em si, já constitui uma estrutura indicada à prática do educador em sala de aula. Buscar conhecer minimamente o público quanto à sua função atual e existência ou não de alguma formação em ABA. Utilizar o timer para dar modelo de utilização em sala de aula para previsibilidade do tempo. Técnica utilizada: Exposição dialogada

Fotografia 4 - Modelo de timer utilizado na Oficina piloto



Fonte: Acervo da autora

2. Introdução ao TEA – Tempo estimado: 30 minutos

Apresentar aos participantes uma compreensão ampla e atualizada sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), promovendo reflexões acerca da diversidade dentro do espectro e valorizando os pontos fortes de cada indivíduo, para além de seus sintomas diagnósticos.

- Inicie contextualizando o TEA como uma condição do neurodesenvolvimento, destacando as principais características: desafios na comunicação, interação social e padrões comportamentais restritos e repetitivos.
- Utilize exemplos concretos e atuais para ilustrar as múltiplas manifestações do espectro.
- Estimule a reflexão sobre a diversidade dentro do TEA, propondo uma mudança de olhar que vá além dos déficits, focando nas potencialidades e pontos fortes de cada indivíduo.
- Promova um espaço aberto para perguntas e comentários, reforçando a participação ativa e a troca de experiências entre os professores. Técnica utilizada: Exposição dialogada - conduza a explanação de forma interativa, incentivando a participação espontânea dos docentes.

Apêndices

3. Princípios da Análise do Comportamento Aplicada – Tempo estimado: 60 minutos

Favorecer a compreensão dos fundamentos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA), utilizando um caso prático para estimular a análise funcional do comportamento e a aplicação dos conceitos aprendidos.

- Projete o caso escolhido previamente e distribua cópias, se possível. Leia o caso.
- Discussão sobre a função do comportamento apresentado no caso.
- Valorize a participação com reforços sociais positivos, como elogios e reconhecimento público.

Técnicas utilizadas:

- Exposição dialogada
- Dramatização do caso lido
- Análise do caso
- Discussão em grupo
- Reforço positivo social e tangível

4. Estratégias Práticas de ABA para o Ensino de Alunos Autistas – Tempo estimado: 90 minutos

Ensinar aos professores estratégias específicas de ABA aplicáveis ao contexto escolar, visando melhorar o comportamento, a comunicação e a aprendizagem de alunos com TEA.

- Apresente as estratégias práticas de forma expositiva e dialogada.
- Promova análises de casos e dinâmicas que permitam aos professores experienciar o uso das técnicas apresentadas.
- Realize simulações de sala de aula (role play), estimulando os participantes a assumirem o papel de professor, aluno e observador.

4.1. Reforço Positivo e Negativo – Tempo estimado: 20 minutos

- Explique a diferença entre reforço positivo e negativo, utilizando exemplos claros e cotidianos.
- Apresente exemplos de reforços verbais (elogios) e materiais (adesivos, brinquedos).
- Demonstre como aplicar reforços de forma eficaz na sala de aula, destacando a importância da consistência e da adequação ao perfil do aluno.

4.2. Treinamento de Habilidades de Comunicação – Tempo estimado: 30 minutos

- Ensine como desenvolver habilidades de comunicação funcional, ressaltando sua importância para o manejo de comportamentos problema.
- Apresente verbalmente e explique o uso de sistemas de comunicação alternativa e aumentativa (CAA), como: PECS (Picture Exchange Communication System); PODD (Pragmatic Organisation Dynamic Display); Matriz de Comunicação.

Apêndices

4.3. Desenvolvimento de Habilidades Sociais e Comportamentais – Tempo estimado: 30 minutos

- Explique como utilizar a ABA para ensinar comportamentos sociais e promover interações positivas.
- Apresente técnicas de ensino como:

Modelagem: reforçar aproximações sucessivas ao comportamento desejado.

Encadeamento de tarefas: dividir tarefas complexas em pequenas etapas, ensinando uma a uma.

Apêndices

APÊNDICE B – CHECKLIST PARA O DESENVOLVIMENTO DA OFICINA E PREPARAÇÃO DOS MATERIAIS

1. Materiais Didáticos

- Slides de apoio revisados e atualizados conforme os conteúdos da oficina.
- Fichas de relato de caso impressas para facilitadores e participantes.
- Ficha contendo a reflexão a ser realizada no final da oficina.
- Exemplos de rotina visual, economia de fichas e timer separados para demonstração.
- Materiais visuais organizados em pastas físicas ou arquivos digitais de fácil acesso.

2. Materiais para Atividades Práticas

- Marcadores/pilotos para quadro branco.
- Quadro branco limpo e funcional.
- Timer para demonstração de manejo de tempo e estratégias de autorregulação.
- Itens para reforço tangível (ex.: bombons).
- Exemplares de livros e filmes indicados organizados para recomendação.
- Bolas de sopro coloridas conforme o número de participantes.
- Canetas.
- Brinde para o final da oficina de acordo com o tema.

3. Estrutura Física e Técnica

- Microfones com pilhas ou carregados para a quantidade de facilitadores da oficina.
- Notebook com apresentação salva e funcionando adequadamente.
- Pen drive com apresentação salva □ Passador de slides com pilha e testado.
- Projetor testado e com imagem ajustada.
- Tela ou parede adequada para projeção.
- Ambiente organizado com espaço para dinâmicas e simulações (dramatizações).
- Cadeiras organizadas em fileiras.

4. Materiais para Questionário e Avaliação

- QR Code com o Questionário sociodemográfico e de desafios da prática na inclusão.
- QR Code com o Formulário de avaliação da oficina.
- Link do Questionário e do Formulário no Google Forms de fácil acesso para envio aos dirigentes por whatsapp ou e-mail.
- Canetas de acordo com o número de participantes

Apêndices

5. Logística e Conforto dos Participantes

- Café, água e biscoitos organizados para o número de participantes.
- Banheiro limpo e acessível aos participantes.
- Slide de orientações sobre intervalos e horários a serem comunicados aos participantes no início da Oficina.

Apêndices

APÊNDICE C – CASO DA DRAMATIZAÇÃO

Caso 1 da Dramatização: Função de Atenção

Contexto: Sala de aula do 2º ano do ensino fundamental. A professora está explicando um novo conceito de matemática, e os alunos estão copiando do quadro.

Descrição do Caso:

Joaquim, um aluno de 9 anos, começa a ficar sonolento, pega a mochila e coloca na cabeça. Seus colegas riem, mas pedem para ele parar. Joaquim começa a bater repetidamente com o lápis na mesa. Ele olha para os colegas e sorri. A professora pede para que ele pare e ele não atende. Ela então se dirige à cadeira dele e reclama com Joaquim, dizendo que ele precisa se concentrar, mas o deixa com a caneta. Joaquim sorri e para por um tempo, mas logo depois volta a fazer barulho com o lápis.

Perguntas para Discussão:

- Qual foi o **antecedente** do comportamento? (Momento de cópia da explicação no quadro).
- Qual foi o **comportamento**? (colocar a mochila na cabeça, bater o lápis).
- Qual foi a **função**? (Atenção da professora e dos colegas; esquiva da aula).
- Como poderia ser manejado de forma mais eficaz para evitar a repetição do comportamento?

Fotografia 4 - Modelo de timer utilizado na Oficina piloto

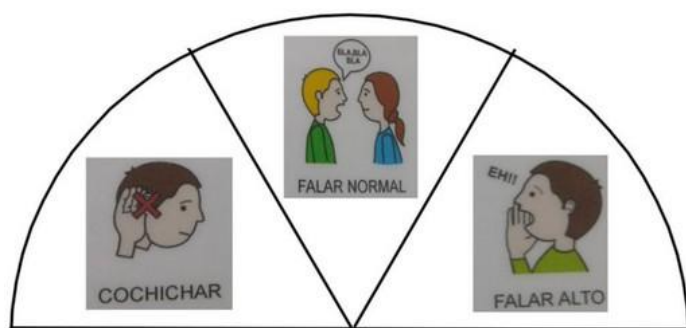


Fonte: Acervo da autora

Apêndices

APÊNDICE D – EXEMPLOS DE MATERIAIS APRESENTADOS NA OFICINA PILOTO

Fotografia 6 - Card para controle de modulação do volume da voz



Fonte: Acervo da autora. Imagem autorizada pelos participantes.

Fotografia 7 - Exemplos de Rotinas visuais



Fonte: Acervo da autora. Imagem autorizada pelos participantes.

Apêndices

Fotografia 6 - Card para controle de modulação do volume da voz



Fonte: Acervo da autora. Imagem autorizada pelos participantes.

Apêndices

APÊNDICE E – SLIDES DE APRESENTAÇÃO DA OFICINA PILOTO

Práticas Educacionais e ABA na Inclusão Escolar de Crianças com Autismo

Clara Sobreira – CRP 02/15809
Rebeca Sobreira – CRP 02/22766

 **FPS**

Nossa agenda

-  **8h40 às 9h30 - Bloco 1**
 - Apresentação
 - Papel do professor segundo ABA
 - Introdução ao TEA
-  **9h30 às 10h30 - Bloco 2**
 - Princípios básicos da Análise do Comportamento Aplicada (ABA)
-  **10h30 às 12h - Bloco 3**
 - Estratégias práticas de ABA para o ensino de alunos autistas
 - Reflexão e Experiência Final



De que concepção estamos falando

Prática educacional → **Toda aquela que, baseada no processo de ensino-aprendizagem, visa levar o estudante a conhecer, a fazer, a viver com os outros, a ser.** → **4 pilares da educação**

Deve atuar no sentido de promover o desenvolvimento dos processos psicológicos pelos quais o conhecimento é construído, ensinando aos alunos a aprender a aprender

Não se resume na transmissão de conhecimentos

Ensinar: arranjo sistemático de contingências, efetuado para facilitar e gerar a aprendizagem, a qual se traduz em modificação de comportamento.

BORUCHOVITCH (1999); MEDEIROS (2012); PRADO, BEFFA, GONSALES (2012); RODRIGUES (2012, p. 46); SONNER (1968/1972)



Apêndices

Papel do Professor

1) Identificar qual é o repertório inicial do aluno: nível de conhecimento do aluno e suas possibilidades iniciais → “para quem ensinar”

- ✓ Aprender a observar e registrar o comportamento do aluno,
- ✓ Identificar repertórios comportamentais (presença ou ausência de pré-requisitos),
- ✓ Identificar diferentes suscetibilidades aos diferentes tipos de reforço.



Transtornos do Neurodesenvolvimento

O DSM-V define que os transtornos do desenvolvimento são condições que têm início no período do desenvolvimento, que em geral surgem antes de a criança ingressar na escola e são caracterizados por déficits que acarretam prejuízo no funcionamento pessoal, social, acadêmico ou profissional.



Transtornos do Neurodesenvolvimento

O TEA é classificado como:

- **6A02.0** – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;
- **6A02.1** – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com comprometimento leve ou ausente da linguagem funcional;
- **6A02.2** – Transtorno do Espectro do Autismo sem deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- **6A02.3** – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com linguagem funcional prejudicada;
- **6A02.5** – Transtorno do Espectro do Autismo com deficiência intelectual (DI) e com ausência de linguagem funcional;
- **6A02.Y** – Outro Transtorno do Espectro do Autismo especificado;
- **6A02.Z** – Transtorno do Espectro do Autismo, não especificado.



Apêndices

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 (exige muito apoio substancial)	Deficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com falta intelligível de palavras julgadas que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem aberturas incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acidentalmente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 (exige apoio substancial)	Deficit graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio, limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses específicos reducidos e que apresenta comunicação não verbal acidentalmente estranha.	Inflexibilidade de comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 (exige apoio)	No ausência de apoio, deficit na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolve-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação com os outros e cuja tentativa de fazer amizades são estranhas e comumente mal-sucedidas.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

De que autista estamos falando...



Rótulos funcionais
não são
considerados
práticas
recomendadas!

Alto Funcionamento

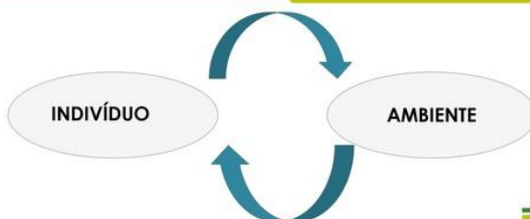
Baixo Funcionamento



Em vez disso, descreva as
necessidades de suporte
específicas e flutuantes de
uma pessoa e os
contextos que ocorrem!

Apêndices

Comportamento



Comportamento

- O **comportamento** é **aprendido** e, portanto, **passível de modificação**, desde que sejam alteradas as condições ambientais para que determinado comportamento ocorra.
- O **comportamento** é aprendido desde as primeiras interações com o ambiente em que um indivíduo vive e com as pessoas com as quais convive. É certamente **influenciado pela história genética** de cada um, mas é predominantemente afetado pelas **relações estabelecidas com o mundo** no decorrer da vida.
- Os comportamentos devem ser possíveis de serem mensurados.



Comportamento

Um comportamento pode ser **adquirido ou mantido** a partir de **consequências reforçadoras**. Podemos encontrar **três tipos de consequências reforçadoras** para a aquisição e manutenção de um **comportamento problema**. São elas: **reforçamento social positivo** (i.e., atenção); **reforçamento social negativo** (i.e., eliminação de tarefas acadêmicas); e **reforçamento automático positivo ou negativo** (i.e., estimulações sensoriais).

Reforçamento automático = as consequências produzidas pela própria ocorrência dos comportamentos autolesivos.

(CEPPI, BENVENUTI, 2011)



Apêndices

Função do Comportamento

- 1) Acesso a atenção (reforçamento positivo),
- 2) Busca de algum estímulo sensorial (reforçamento automático),
- 3) Acesso a reforçador tangível,
- 4) Fuga/esquiva de uma situação/tarefa requerida (reforçamento negativo).



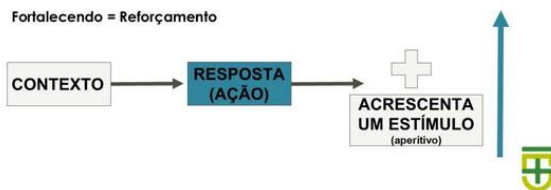
WATA, DOZIER(1982/1994)



Reforçamento

Alterando as consequências

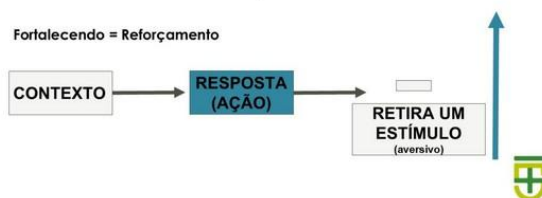
Fortalecendo = Reforçamento



Reforçamento

Alterando as consequências

Fortalecendo = Reforçamento



Apêndices

Reforçamento



A resposta/ação de "fazer a atividade" pode ocorrer mais vezes



Reforço

Reforço intrínseco (natural): são aqueles inerentes às respostas de um indivíduo, produzidos naturalmente por elas. ex.: ar, sono, água, sono, gostar de ler um livro, etc.

Reforço extrínseco (arbitrário): são aqueles disponibilizados artificialmente como consequências de determinadas respostas, ligado a uma história de reforçamento (condicionamento).
Ex.: ler um livro para obter uma nota.

- **Tangíveis:** bijuterias, brinquedos, livros, figurinhas, etc.
- **Comestíveis:** doces, frutas, biscoitos, batata frita, guloseimas, etc. (brindes extras).
- **Atividades:** um filme, videogame, tempo livre, um jogo, ciranda-cirandinha, tempo no computador, etc.
- **Sociais:** um elogio, sorrisos, um aceno de cabeça, aplausos, plegar-para-cima, uma piscadinha, etc.
- **Físicos:** cócegas, abraços, beijos, tapinhas nas costas, um toque, um balanço, "toca aqui", etc.



Esquemas de Reforçamento

★ Contínuo

É o Reforçamento Positivo que segue **imediatamente** a cada ocorrência do comportamento.



★ Intermitente

Nem toda a ocorrência de um comportamento desejado **é reforçada**, ou seja, um número variável de comportamentos precisa ocorrer antes do reforçador ser dado.



Apêndices

Esquemas de Reforçamento Intermitente

1) Razão Fixa (FR) – o número de respostas exigidas para cada reforço é o mesmo. Reforçamento é dado depois de um número fixo de respostas corretas. Ex.: criança recebe 1 adesivo depois de cada 10 respostas corretas a questões de matemática

2) Razão Variável (VR) – o número de respostas exigidas para cada reforço varia, ou seja, é dado a partir de uma média. Reforçador dado depois de um número médio de respostas corretas. Ex.: Receber um elogio a cada 25 respostas corretas em média (a razão variável é 25, logo o reforçamento pode variar de 10 a 50).



Esquemas de Reforçamento Intermitente

3) Intervalo Fixo (FI) – Reforçamento é dado para a primeira resposta correta depois que um intervalo específico de tempo tenha se passado. Ex.: Professor checa se os alunos estão estudando na biblioteca a cada 30 min e dá uma estrela na ficha de comportamento por estudarem em silêncio.

Desvantagem: alunos rapidamente aprenderão que só precisam "dar a resposta correta" (estudar em silêncio) ao final de cada período de 30 min.

4) Intervalo Variável (VI) – Reforçamento é liberado depois de decorrido um intervalo variável de tempo. Ex.: Professor verifica os alunos na biblioteca a intervalos variados de tempo, que seriam imprevisíveis. Porque os alunos não sabem quando ele virá, tenderão a estudar mais silenciosamente.



Punição

Alterando as consequências

Enfraquecendo = Punição



Apêndices

Punição

Alterando as consequências

Enfraquecendo = Punição



Punição



Aula cansativa



Aluno inicia uma grande bagunça



Professora o coloca de castigo

Da próxima vez o comportamento de iniciar a bagunça pode não ocorrer



Por que evitamos a punição?

- ★ A pessoa punida tende a se comportar de forma diferente na ausência da pessoa que puniu.
- ★ Alguns tipos de punição causam efeitos emocionais.
- ★ Algumas formas de punição permitem o aprendizado de comportamentos agressivos.
- ★ Outros comportamentos podem acabar sendo punidos em conjunto (além daquele comportamento inadequado que você queria punir)



Apêndices

Punição

Alterando as consequências

Enfraquecendo = Punição



Punição



Aula cansativa



Aluno inicia uma grande bagunça



Professora o coloca de castigo

Da próxima vez o comportamento de iniciar a bagunça pode não ocorrer



Por que evitamos a punição?

- ★ A pessoa punida tende a se comportar de forma diferente na ausência da pessoa que puniu.
- ★ Alguns tipos de punição causam efeitos emocionais.
- ★ Algumas formas de punição permitem o aprendizado de comportamentos agressivos.
- ★ Outros comportamentos podem acabar sendo punidos em conjunto (além daquele comportamento inadequado que você queria punir)



Apêndices

Modelagem



Generalização

- ★ Uma resposta reforçada na presença de um estímulo resulta em uma tendência a responder da mesma maneira aos estímulos que compartilhem propriedades semelhantes.
- ★ Queremos que as crianças generalizem no **tempo**, através de **ambientes** e com **diferentes** **peessoas**.
- ★ Para ajudar no processo de generalização, gostamos de usar vários professores diferentes e variados ambientes de aprendizagem e por isso a importância do AT escolar formado ou sob supervisão em ABA.

Como ABA pode ser usada na sala de aula



Apêndices

Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM ANTECEDENTES

- Podem ser usadas para diminuir o comportamento inadequado e para aumentar o engajamento em tarefas.

O que fazer? (objetivos)

Identificar fatores que estão reforçando o comportamento inadequado

Modificar ambiente de modo que os fatores já não provoquem o comportamento inadequado.



Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM ANTECEDENTES

Como fazer?

1. Utilizar as preferências do aluno dentro de uma atividade
2. Alterar horários e rotina (colocar atividades de preferência após completar as tarefas)
3. Realizar algumas intervenções antes da própria atividade
4. Dar escolhas para a criança (ex.: fazer com lápis do boneco favorito e não com lápis comum)
5. Alterar a forma de apresentação da instrução



Como ABA pode ser usada na sala de aula



Apêndices

Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM CONSEQUÊNCIAS

Como fazer?

- ★ Associe a si mesmo com o reforçamento positivo. Para aprender com você, o aluno precisa estar ligado a você!
- ★ Fixe um esquema inicial ao ensinar e passe logo que possível a um de Razão Variável e vá aumentando o esquema.
- ★ Dê a recompensa imediatamente após o comportamento.
- ★ Mude seu grau de reforçamento de acordo com o nível de realização.



Como ABA pode ser usada na sala de aula

INTERVENÇÕES BASEADAS EM CONSEQUÊNCIAS

Como fazer?

- ★ Seja consistente.
- ★ Ao começar um novo assunto, reforce mais frequentemente.
- ★ Varie o tom de voz e frases usadas.
- ★ Seja específico sobre o que você está reforçando.
- ★ Monitore a eficácia dos reforçadores e varie-os.
- ★ Esteja atento para reforçar quando o aluno emitir respostas naturalmente também.



Pensando em estratégias

Criança joga lápis no chão na hora que o professor entrega lápis + atividade para completar. O que fazer? Como fazer?

Utilizar preferência do aluno

Se o aluno gosta do Mickey, você pode dar um lápis do Mickey ao invés de um lápis tradicional.

Você também pode dar 2 opções de escolha para o aluno decidir qual lápis quer usar.



Apêndices

Pensando em estratégias

Criança se joga no chão antes de entrar na aula de matemática.

O que fazer?

Alteração de horário/rotina

Agenda visual

Como fazer?

Intercale atividades mais estruturadas com atividades menos estruturadas
OU atividades que exigem mais esforços com atividades que exigem menos esforços



Agenda Visual



Economia de Fichas

É uma estratégia baseada em reforçamento positivo, onde o aluno recebe fichas (ou pontos) por comportamentos desejados.

Essas fichas são posteriormente trocadas por itens de preferência do aluno.



Apêndices

Economia de Fichas

Você consegue adaptar pro modo online também!

Eu estou trabalhando por blocos



Se lembre de liberar o reforçador imediatamente.

Tempo/Magnitude do reforçador proporcional ao custo da atividade



Aumente progressivamente o número de fichas.

Good Behavior Game

Como funciona?

- A turma é dividida em grupos.
- Cada grupo pode ganhar ou perder pontos com base em comportamentos específicos (ex.: manter silêncio, levantar a mão para falar).
- No final do período estipulado (aula, dia ou semana), os grupos que atingirem um critério pré-estabelecido recebem recompensas.

Benefícios

- ✓ Redução de comportamentos inadequados
- ✓ Aumento do engajamento acadêmico
- ✓ Melhora no trabalho em equipe
- ✓ Estratégia simples e eficaz

O GSG é uma abordagem baseada em reforçamento positivo, promovendo um ambiente estruturado e motivador para os alunos.

Good Behavior Game



Apêndices

Ética e Compaixão

Considerem o
assentimento e os sentimentos
do aluno!!



Ensino:

Seguro

Baseado em reforço positivo

Individualizado

Objetivos que façam sentido



Ética e Compaixão

- Em vez de tentar “apagar” um comportamento, busque entender por que ele acontece e ensine outra forma do aluno expressar o que precisa.
- Escolha objetivos que tenham utilidade real, como ensinar a pedir ajuda, a se comunicar ou a organizar materiais — e não apenas seguir regras sem contexto.
- Evite punições que causem frustração ou vergonha, usando mais os elogios e incentivos para ensinar novos comportamentos.
- Respeitar o tempo e os limites do aluno — por exemplo, dar pausas quando necessário, mesmo que isso não esteja no “plano original”.



Ética e Compaixão

TEACH
kindness
TEACH
confidence
TEACH
compassion



Ensinar com compaixão é
entender que o comportamento é
uma forma de comunicação e que o
aluno está fazendo o melhor que
pode com as ferramentas que tem.



Apêndices



"A ética na ABA é o compromisso de cuidar do aluno como alguém que merece aprender, crescer e ser respeitado — não moldado para se encaixar, mas apoiado para florescer."



Ainda não acabou...



Gostaríamos do seu feedback sobre a oficina...



Apêndices

Guia de práticas educacionais e ABA na inclusão escolar de crianças com autismo**Obrigada!**

Rebeca Sobreira
(81) 98754.5455
sobreira.rebeca@gmail.com



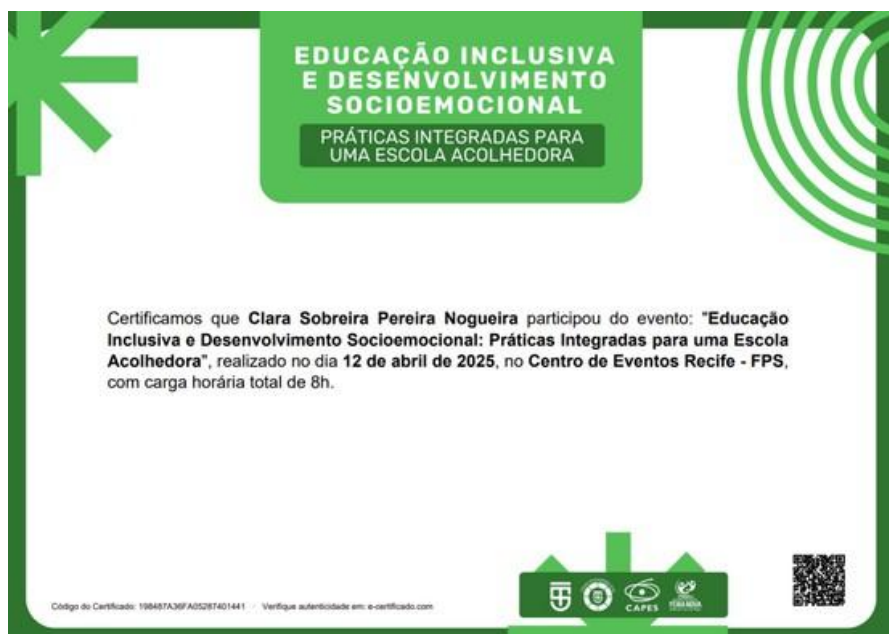
Clara Sobreira
(81) 99115.02.40
sobreira.clara@gmail.com



Apêndices

APÊNDICE D – MODELO DE CERTIFICADO DE PARTICIPANTE

Este é o modelo de certificado de participante do evento promovido pela FPS, devendo ser adaptado para participante especificamente da Oficina. Para facilitador deve-se trocar o nome “participou” para “facilitou” a “Oficina Práticas educacionais e Análise do Comportamento Aplicada (ABA) na inclusão escolar de crianças com autismo.”



Apêndices

APÊNDICE E – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO E DE DESAFIOS DA PRÁTICA NA INCLUSÃO

Desde já sou muito grata por você chegar até aqui!
Gostaríamos de conhecer mais sobre você e sua prática na educação inclusiva.
Nos ajude a contribuir com o avanço da ciência do comportamento humano!

CONHECENDO UM POUCO MAIS SOBRE VOCÊ

1. Data de nascimento: ____/____/____ Idade _____
2. Gênero: () Feminino () Masculino () Outro

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

1. Qual a sua função na escola:

- () professor(a) () mediador/assistente terapêutico () coordenador
() professor(a) de AEE () outro. Qual? _____

2. **Ensino Superior:** () em andamento () concluído – Data de conclusão: _____
Curso: _____

3. Especialização 1:

- () em andamento () concluído – Data de conclusão: _____
Nome do Curso: _____

Especialização 2 :

- () em andamento () concluído – Data de conclusão: _____
Nome do Curso: _____

4. **Mestrado:** () em andamento () concluído – Data de conclusão: _____
Nome do Curso: _____
Local do curso: () Brasil () Exterior Instituição: () pública () privada

5. Tem formação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA)?

- () Sim () Não

Se sim, de quantas horas foi a sua formação? _____

Apêndices

6. Tem outros cursos, formações, aperfeiçoamentos, na área de neurodivergências e/ou educação inclusiva?

☐ Sim ☐ Não

Cite alguns: _____

7. Há quantos anos você trabalha na sua função? (Cite seu percurso profissional caso tenha já passado por outras funções) _____

8. Você está satisfeito com seu trabalho?

☐ não ☐ sim ☐ sim, mas precisa melhorar

9. Qual a sua carga horária semanal de trabalho:

- ☐ Menos de 10 horas
- ☐ Menos de 20 horas
- ☐ 20 a 40 horas
- ☐ 41 a 60 horas
- ☐ Mais de 60 horas

10. Qual a faixa de idade dos seus alunos?

- ☐ 1 a 3 anos
- ☐ 3 a 5 anos
- ☐ 5 a 10 anos
- ☐ 10 a 18 anos
- ☐ 18 a 35 anos
- ☐ 35 a 50 anos
- ☐ Maiores de 50 anos

11. Você tem alunos neurodivergentes?

☐ Sim ☐ Não

Se sim, qual o diagnóstico: ☐ TEA ☐ TDAH ☐ Dislexia ☐ Deficiência intelectual ☐ Outros

Apêndices

12. Quantos alunos tem na sua sala?

- ☐ 10 a 20
- ☐ 21 a 30
- ☐ 31 a 50
- ☐ 51 a 70

13. Quantos alunos neurodivergentes tem na sua sala?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4 a 6
- ☐ 7 a 10

14. Desses alunos, quantos são ou você suspeita que sejam autistas?

- ☐ 1
- ☐ 2
- ☐ 3
- ☐ 4 a 6
- ☐ 7 a 10

15. Com que frequência seus alunos têm comportamentos interferentes/desafiadores?

- ☐ diária
- ☐ duas a três vezes por semana
- ☐ semanal
- ☐ quinzenal
- ☐ mensal

16. Quais as habilidades dos seus alunos autistas?

- ☐ aprendizes rápidos
- ☐ Aprendizes lentos e rápidos
- ☐ Aprendizes lentos

17. Em casos de clientes autistas, qual o nível de suporte?

- ☐ Nível 1
- ☐ Nível 2
- ☐ Nível 3

Apêndices

18. Quais são os maiores desafios que você enfrenta na sala de aula com seus alunos autistas?

19. Você tem acesso a oportunidades de desenvolvimento profissional pela escola que trabalha?

- ☐ Sim, frequentemente
- ☐ Sim, ocasionalmente
- ☐ Não, mas gostaria
- ☐ Não, e não gostaria
- ☐ Procuro por conta própria

20. Você participa com dedicação aos treinamentos oferecidos pela escola que trabalha?

- ☐ Sim, frequentemente
- ☐ Sim, ocasionalmente
- ☐ Não, mas gostaria
- ☐ Não, e não tenho interesse
- ☐ Eu sou obrigado a passar por atividades de treinamento de equipe no ambiente de trabalho

21. Como você se sente no dia a dia trabalhando com a prática inclusiva?

Apêndices

APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO DA OFICINA

Que bom que pudemos construir conhecimento juntos!

Obrigada pela sua participação!

Agora, vamos avaliar nossa oficina?

1. Como foi a sua experiência em participar desta oficina?

2. Cite o que mais você gostou de aprender.

3. Qual das estratégias trabalhadas você acha que mais vai contribuir na sua prática escolar com estudantes neurodivergentes?

4. O que você gostaria que mudasse nas próximas oficinas? Dê sugestões para que possamos melhorar.
